

EPISTEMOLOGIA PÓS-MODERNA E SUA LEITURA DE VIGOTSKI**EPISTEMOLOGÍA POSMODERNA Y SU LECTURA DE VIGOTSKY****POSTMODERN EPISTEMOLOGY AND HIS READING OF VYGOTSKY**Eduardo Moura Costa¹Silvana Calvo Tuleski²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar historicamente as formas que o construcionismo social interpretou os conceitos vigotskianos, sobretudo do ponto de vista epistemológico. Constatou-se que Vigotski foi utilizado pelo construcionismo social para fundamentar a ideia de que nos formamos nas relações sociais, mediados pela linguagem. Contudo apresenta uma concepção idealizada de linguagem, principalmente pela desconsideração das bases marxistas do psicólogo soviético. Conclui-se que a concepção construcionista está em desacordo com as ideias de Vigotski, sobretudo a partir do seu sistema conceitual geral.

Palavras-chave: Epistemologia; Construcionismo social; Psicologia Histórico-Cultural; Vigotski.

Abstract: This article aims to analyze historically the ways that social constructionism interpreted vigotskianos concepts, especially from the epistemological point of view. It was found that Vygotsky was used by social constructionism to support the idea that formed in the social relations, mediated by language. However presents an idealized conception of language, mainly by disregard of Marxist bases of the Soviet psychologist. It is concluded that the constructionist view is at odds with the ideas of Vygotsky, especially from their general conceptual system.

Keywords: Epistemology; social constructionism; Historical-Cultural Psychology; Vygotsky.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar las formas en que históricamente el construccionismo social interpretarse vigotskianos conceptos, sobre todo desde el punto de vista epistemológico. Se encontró que Vygotsky fue utilizado por el construccionismo social para apoyar la idea que se formó en las relaciones sociales, mediada por el lenguaje. Sin embargo presenta una concepción idealizada de la lengua, sobre todo por descuido de las bases marxistas del psicólogo soviético. Se concluye que el enfoque construccionista está en desacuerdo con las ideas de Vygotsky, en especial de su sistema conceptual general.

Palabras-clave: Epistemología; Construccionismo social; Psicología Histórico-Cultural; Vygotski.

Introdução

Para se estudar as apropriações feitas de Vigotski (1896-1934) é importante compreender como se deu a difusão de suas produções. É possível notar uma coincidência temporal entre a “descoberta” de sua obra pelo ocidente e o movimento intelectual que vinha se delineando desde a década de 1970, conhecido como pós-modernismo. No interior da ciência psicológica, por exemplo, ocorria um forte movimento de crítica às visões científicas modernas, dentre as quais o behaviorismo e o cognitivismo, e Vigotski foi visto como um grande aliado para fundamentar tais críticas. Sua concepção histórica do desenvolvimento das funções psicológicas superiores era vista como uma forte arma contra as visões biologizantes, subjetivistas e reducionistas do ser humano. Contudo, como nos contam autores como

Duarte (2001) e Prestes (2010), no processo de apropriação das teorizações de Vigotski ocorreu uma deturpação de suas bases marxistas, e até mesmo uma censura, como no caso das publicações norte-americanas.

Autores construcionistas sociais, como Shotter, adaptaram as ideias de Vigotski para sustentar suas concepções. No construcionismo social, diferentemente do construtivismo, o conhecimento é compreendido como uma construção social, isto é, tem origem relacional e discursiva. Nesse sentido, o próprio ser humano se desenvolveria por meio de uma relação dialógica com seus pares. Alguns autores partem da ideia de que não podemos representar os fenômenos da realidade, nem produzir conhecimento verdadeiro sobre eles; apenas poderíamos conhecer as formas e os motivos pelos quais as pessoas, em comunidade, criam os conhecimentos e os efeitos que essa “verdade” teria nesse grupo.

Ainda hoje, a literatura nacional pouco analisa os fundamentos teóricos e metodológicos do construcionismo, menos ainda sua relação com os escritos de Vigotski. Por isso, estabelecemos como objetivo deste artigo realizar uma revisão do construcionismo, tendo como foco principal as apropriações de Vigotski por esse movimento.

Construcionismo Social

O construcionismo social constituiu-se como um “meta-discurso” que transita por várias disciplinas de grande capacidade de generalização e abstração, a exemplo do positivismo e do realismo (Ibáñez, 2001). Segundo Castañon (2007), o rótulo denota uma série de posições surgidas depois de 1966, em virtude da publicação do trabalho de Berger e Luckmann, denominado *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Além da Psicologia social, o construcionismo também está presente na terapia familiar, individual, de grupo e na psicanálise.

De acordo com Castañon (2007), o construcionismo social é resultado de uma série de incorporações feitas pela Psicologia de diferentes corpos teóricos e filosóficos. Seus mais importantes antecedentes intelectuais são as obras de Thomas Kuhn e Paul Feyerabend, de Jacques Derrida, de Lev Vigotski, de Ludwig Wittgenstein e de Richard Rorty.

De forma geral, podemos dizer que tal visão implica a ideia de que a realidade é produto das construções sociais, conversacionais ou discursivas, e de que nossas construções da realidade são sempre sociais e históricas, não individuais. A construção social diz respeito à criação de sentido por meio de nossas atividades colaborativas (GERGEN & GERGEN, 2010). Em outras palavras, tomando como base Shotter (2001), o construcionismo, em vez de focar as formas pelas quais os indivíduos chegam a conhecer os objetos ou o mundo que os rodeia, interessa-se em explicar que esses indivíduos criam e mantêm, primeiro, determinadas formas de se relacionar na vida prática, para depois, a partir dessas formas de falar, entenderem as circunstâncias de sua vida. Tal visão está coerente com a noção de Harré de que “A realidade humana primária são pessoas em conversação” (HARRÉ, como citado por SHOTTER, 2001, p. 11). Portanto, para o construcionismo, primeiro existe a relação do ser humano com seus pares e, depois, a relação com o ambiente.

Segundo Gergen (2009), o construcionismo surgiu como uma alternativa à polarização existente entre as vertentes idealistas e materialistas na Psicologia. Na tentativa de superar tal debate, o construcionismo procurou reforçar a questão do intercâmbio social, intercâmbio este pautado nas trocas simbólicas e discursivas.

A pesquisa construcionista social tem com objetivo explicar os processos pelos quais as pessoas dão significado ao mundo e, para atingir esse objetivo, articula as concepções do passado, do presente e do futuro. Gergen (2009, 2012) destaca quatro premissas metateóricas.

1) A experiência de mundo não é a mesma coisa que a compreensão do mundo. O conhecimento de mundo não é um produto da indução. Essa visão seria contrária à tradição moderna de ciência, segundo a qual as teorias seriam formas de refletir a realidade.

2) Entende-se o mundo por meio de artefatos que são produtos da história e do intercâmbio entre as pessoas. O processo de compreensão não é automaticamente conduzido pelas formas da natureza, mas é resultado de uma postura ativa e cooperativa das pessoas em relação.

3) Os processos sociais sustentam certas formas de entendimento, e não a validade empírica. “A observação das pessoas é, portanto, questionável como base de correção ou como guia para a descrição de pessoas” (GERGEN, 2009, p. 305), já que são as interações que se dão na comunidade que formam os entendimentos.

4) “As descrições e explicações sobre o mundo constituem, elas próprias, formas de ação social.” (GERGEN, 2009, p.306). Nesse sentido, o autor considera que escolher certos padrões de interpretação da realidade implica excluir outros. Portanto, seria somente uma questão de “escolha” e não de convergência com a realidade.

Interpretação construcionista social de Vigotski

Vigotski é considerado como um dos muitos antecessores do construcionismo social (CASTAÑON, 2007; GRANDESSO, 2000; GUANAES, 2006; HARRÉ, 2000; LÓPEZ, 2003; LOPEZ-SILVA, 2013; LOCK & STRONG, 2010). Os próprios autores construcionistas, como Gergen (1995), Harré (2000) e Shotter (2001), mencionam a relação entre suas concepções e as do psicólogo soviético. Shotter (1993) chega ao ponto de afirmar que Vigotski foi seu “herói” e de Harré.

López (2003) afirma que Vigotski e outros autores soviéticos, como Alexis Leontiev e Alexander Luria, foram retomados pelo construcionismo social pela crítica que fizeram à psicologia hegemônica e por seus argumentos anticognitivistas e anti-mentalistas. Já Lopez-Silva (2013), destaca que tanto Vigotski quanto os autores construcionistas fariam parte do “contínuo construtivista”. Para o referido autor, as ideias de Vigotski estariam no meio termo entre as ideias construtivistas radicais, de que é o próprio sujeito que constrói sua realidade, e o construcionismo, de que a realidade é construída socialmente.

Nesse sentido é possível compreender um pouco mais o construcionismo por meio de uma comparação com o construtivismo, no entanto os dois não devem ser confundidos. Conforme Gergen (1995), o construtivismo, de modo geral, seria compatível com o construcionismo em dois aspectos

importantes: 1) Ambos são céticos acerca das garantias fundamentais para uma ciência empírica; 2) Seriam contra a ideia de uma mente individual que reflete um mundo independente.

Gergen (1995) aponta que, apesar dos pontos intercambiáveis, as teses construtivistas frequentemente são antagônicas às do construcionismo desenvolvido por ele. Do ponto de vista construcionista, “nem a ‘mente’ nem o ‘mundo’ têm um status ontológico garantido, eliminando os pressupostos fundamentais do construtivismo” (GERGEN, 1995, p. 61). Nesse sentido, o autor aponta que o construtivismo permaneceria preso a tradição individualista ocidental. Para os construcionistas as construções seriam sociais, mediadas pela linguagem, e estariam sujeitas a negociação.

Gergen (1995) se remete a Vigotski, embora menos do que Harré e Shotter. Tal como os demais construcionistas, ele baseia-se em Vigotski quando faz a crítica ao cognitivismo, considerando que este caiu em um solipsismo quando reduziu o mundo a uma projeção ou subproduto do indivíduo que conhece. Ao fazer essa crítica, ele lança mão de conceitos de Vigotski, como o da interiorização das relações sociais por meio da linguagem, afirmando que ele é um dos autores que deu prioridade ao social, mais do que ao cognitivo. Contudo, discordamos dessa proposição pois Vigotski não prioriza um em detrimento do outro, mas compreende que existe uma relação dialética no processo de desenvolvimento humano.

Para o construcionismo, segundo Gergen (1995), a relação precede à individualidade, visão que seria corroborada tanto por Vigotski quanto por Mead. Apesar das aproximações, o autor afirma que existem diferenças substanciais entre o construcionismo e as perspectivas de Vigotski e Mead. “Todos esses teóricos objetivariam um mundo especificamente mental. O construcionismo rejeita as premissas dualistas que dão lugar ao ‘problema do funcionamento mental’” (GERGEN, 1995, p. 62).

De acordo com Harré (2000), tanto Stern quanto Vigotski seriam antecessores do construcionismo social. O autor explica que o construcionismo social apareceu em várias disciplinas, tais como a antropologia, a psicologia cultural, a filosofia da ciência e a epistemologia social de Latour. Considera também que a psicologia foi construída ao redor de duas teses centrais. Na primeira tese o autor afirma que o construcionismo não tem interesse em saber se as capacidades cognitivas ou afetivas são inatas e sim como elas são adquiridas na relação simbiótica com outras pessoas. O autor afirma que, nesse sentido, o construcionismo social é essencialmente vigotskiano, o que se deve em grande parte aos trabalhos de Bruner. Já na segunda tese o autor afirma que as funções psicológicas especificamente humanas surgem das ações reais com outras pessoas, as habilidades simbólicas desenvolvidas entre as pessoas se internalizam e se tornam particulares.

Shotter (1996), apoiado em Wittgenstein, Vigotski, Volosinov e Bakhtin, afirma que seu objetivo é explorar as consequências de se falar da atividade humana por meio de um novo vocabulário, que leve em conta o que ele chama de “forma relacional” de linguagem, em vez de uma visão puramente individualista. O autor justifica sua visão com os ensinamentos de

Vigotski a respeito do importante papel da palavra para o domínio e o direcionamento da atenção da criança.

De acordo com Lock e Strong (2010), os trabalhos de Shotter foram elaborados com base em duas ideias de Vigotski: 1) as funções simbólicas começam entre as pessoas, por meio de relações intersíquicas, para, depois, tornarem-se individuais, podendo ser usadas em seus propósitos próprios; 2) essa capacidade surge primeiramente em nosso repertório espontâneo para depois ser submetida a um controle voluntário. O conceito de “ação conjunta”, desenvolvido por Shotter, está diretamente relacionada a essa apropriação da ideia de Vigotski sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para Shotter, a partir da “ação conjunta”, nós desenvolveríamos as habilidades, que são sociais, de forma espontânea, mas depois elas poderiam se tornar voluntárias. Em outras palavras, as habilidades simbólicas seriam formadas a partir do contato com o outro.

Crítica à apropriação pós-moderna dos escritos vigotskianos

Uma das principais críticas ao construcionismo social incide justamente sobre o relativismo decorrente de sua posição epistemológica. Ao limitar as construções às trocas discursivas entre diferentes “comunidades” e ao negar o realismo, o construcionismo chegou a uma concepção que beira o irracionalismo. Mesmo que os autores venham a negar, sua ideia de construção social está assentada em uma base ontológica e epistemológica que tem consequências na explicação do papel do ser humano nessa construção. Com esta breve discussão dos aspectos mais gerais do construcionismo, pretendemos encontrar elementos que nos auxiliem a avaliar em que sentido tais premissas entram em contradição com as formulações de Vigotski.

Em contraste com a visão construcionista, Vigotski (1930/1998) expõe com clareza o sua concepção de sociedade: este não se reduz à interação discursiva entre as pessoas. Segundo Vigotski (1931/1998), o social não é igual ao ambiental, mas está relacionado com as condições socioeconômicas e de classe. Segundo o autor, seríamos o reflexo em maior e menor grau da classe que pertencemos (Vigotski, 2004).

Outro conceito central para o construcionismo, mas que é utilizado de forma contraditória, é a noção de “história”. O desenvolvimento histórico, para Vigotski (1998; 2004; 2009), está relacionado com as formas pelas quais o indivíduo se relaciona com a natureza ao longo do tempo. Isto é, as formas de trabalho que o ser humano desenvolveu para sobreviver e que, ao mesmo tempo, o formaram como tal, ou seja, que o desenvolveram como ser histórico e cultural. Vigotski (2004) afirma que, com seu método instrumental, é possível interpretar que a criança, no processo educativo, realiza o que a humanidade vem desenvolvendo ao longo da história do trabalho. Isto é, “(...) põe em ação as forças naturais que formaram sua corporiedade (...) para assimilar desse modo, de forma útil para sua própria vida, os materiais que a natureza lhe brinda” (MARX & ENGELS como citado em VIGOTSKI, 2004, p. 99). Como afirmam Vygotski e Luria (2007), a criação de um bastão primitivo para o trabalho é uma ferramenta criada para o

futuro. Portanto, tanto os instrumentos que visavam o futuro quanto os atuais que remetem ao passado são produções humanas e históricas, e não simplesmente relações discursivas, interpessoais ou subjetivas.

Para Vigotski (1927/2004), ao contrário de Gergen, o caminho para superação da crise entre idealismo e materialismo não seria a adoção de uma terceira via e sim a criação de uma Psicologia de base marxista, ou seja, fundada no materialismo histórico e dialético. Ele demonstra que a busca por uma terceira via, fundindo, subordinando ou suprimindo uma delas, acabaria por evidenciar a crise da própria Psicologia. Quanto a essa terceira via, comenta Vigotski (1927/2004), os cegos ou ecléticos adotavam uma ou outra posição quando lhes convinha. Para o autor, as principais teorias que buscaram a terceira via foram a psicologia da Gestalt, o personalismo e a psicologia marxista mecanicista.

A fundamentação ontológica de Vigotski é totalmente contrária ao construcionismo social. Vigotski parte de uma ontologia materialista, atestando a centralidade do trabalho como o complexo que deu origem ao ser humano como ser histórico e social (CARMO & JIMENEZ, 2013). Portanto, reiterando a relação dialética entre a evolução biológica e histórica do ser humano, demarcada pela necessidade de transformação da natureza para a reprodução de sua existência, ele supera tanto as concepções idealistas quanto as materialistas mecanicistas.

Carmo e Jimenez (2013) afirmam que Vigotski estabelece uma dependência ontológica do comportamento em relação ao trabalho, da mesma forma que, ao longo de sua obra, o fez com as categorias linguagem e pensamento, em relação à categoria consciência. As autoras sustentam que Vigotski confere ao trabalho um papel central no desenvolvimento tanto da espécie quanto do indivíduo. Ressalvam que, apesar de isso não estar explícito em sua obra, Vigotski deixa registrada sua compreensão do trabalho como fundante do ser humano.

Vigotski (1927/2004), ao discutir o problema epistemológico de se ter várias ciências particulares subordinadas a uma ciência geral, afirma que, apesar de essa ciência geral ainda não existir, ela deve estar amparada pela relação existente entre o conceito científico-natural e o fato empírico ao qual ele remete. Em sua concepção, o conceito, “ainda que se trate do mais abstrato- do último- correspondente um certo grau de realidade, representada no conceito em forma abstrata, segregada da realidade” (VIGOTSKI, 1927/2004, p. 232).

Sua concepção epistemológica de que os fenômenos da realidade são refletidos na teoria é totalmente oposta à dos construcionistas, para os quais a teoria é uma convenção criada linguisticamente, sem ligação com a realidade. Ao contrário, para Vigotski (1927/2004), o pensamento e os conhecimentos oriundos da realidade devem estar orientados para a realidade. Até mesmo a imaginação não é descolada dela. Sua concepção crítica é claramente realista e entra em contradição com os construcionistas, que são em sua maioria anti-realistas.

Para Vigotski, não há uma separação entre as formas como o ser humano conhece a realidade e como eles sustentam e explicam essa construção. Tal posição fica clara ao compararmos sua concepção de linguagem com a concepção construcionista.

Para os construcionistas as palavras não refletem a realidade, sendo apenas formadas nos “jogos de linguagem”, isto é, no seu uso consensual. Para Gergen (1995), por exemplo, “a linguagem falada ou

escrita é inerentemente o resultado do intercâmbio social" (GERGEN, 1995, p.116). Na mesma publicação o autor afirma que é através da coordenação relacional que nasce a linguagem. Tal concepção é contrária à tradição marxista, para a qual a linguagem surgiu da necessidade de transformar o mundo e para tanto necessitava conhecê-lo e coordenar essa transformação cooperativamente.

Ainda segundo Gergen (1995), os semióticos tem como unidade fundamental do significado a relação entre significante e significado. Por outro lado, o autor diz que elimina a relação textual e o situa no contexto social. Utilizando os termos de Shotter, o autor afirma que o significado nasce da ação conjunta. O significado, que está completamente relacionado com a noção de linguagem, é também para Shotter (2001) condicionado pelo seu uso social. Em sua versão do construcionismo, são as relações sociais que definem o conhecimento sobre as coisas e não a realidade empírica.

Para Vygotski (1931/1996), os conteúdos modificam as formas de movimento do pensamento. Nesse sentido, os fenômenos da realidade somente podem ser adequadamente representados por meio dos conceitos. Portanto, a concepção do desenvolvimento psicológico dos conceitos é mais uma prova cabal de que para Vygotski não há separação entre linguagem e objeto que ela representa. O conceito, para o autor, não é simplesmente uma fotografia, mas estabelece complexas conexões entre outros conceitos e, em última instância, desvela cada vez mais a complexidade da realidade. Portanto, os conceitos possuem um desenvolvimento interno que não está dado naturalmente, nem pode ser compreendido de forma isolada e que necessita da educação escolar para ocorrer. Os verdadeiros conceitos completam o seu desenvolvimento próximo à idade de transição, marcando a passagem de uma percepção sincrética para analítica e estruturando a concepção de mundo e a personalidade do ser humano nesse período do desenvolvimento. Ao desenvolver os conceitos o jovem perde grande parte da dependência dos adultos, passando a compreender o mundo por si mesmo.

Conforme Vygotski (2009), a linguagem falada coloquial está relacionado aos conceitos cotidianos, já a escrita com os conceitos científicos. Nesse sentido, diferente da linguagem falada, que é assimilado de forma espontânea, inconsciente, a linguagem escrita leva a criança a agir de maneira mais intelectual. Leva a ter maior consciência do próprio processo da fala, requerendo planejamento em alto grau (Vygotski, 2009).

Shotter (2001) vê a ciência, colocada no papel, como algo fixo, acabado e estático. Ele não compreende ou distorce deliberadamente a concepção de Vygotski, de que a linguagem escrita é muito mais complexa do que a oral justamente por não possuir um interlocutor e ser uma expressão do pensamento conceitual. Portanto, o que se coloca no papel é expressão abstrata, operada através de diferentes conceitos e categorias, para se compreender a essência de um determinado objeto. A linguagem escrita é a forma pela qual a criança irá se apropriar dos conceitos científicos, que assimilados no movimento do pensamento conceitual a levará a compreender a essência dos fenômenos. A crítica de Shotter (2001) ao discurso "monológico" do modernismo entra em conflito com a visão de Vygotski apresentada, pois para este, como temos visto, o processo de formação da consciência parte da unidade entre indivíduo e sociedade. Em outras palavras, Shotter critica o modernismo por ser individualista e procura deslocar o foco para as relações discursivas, porém perde de vista que Vygotski via na "lei da

internalização” o caminho que leva a unidade dialética entre indivíduo e sociedade. Para Vigotski o individual é essencialmente social, ou seja, a consciência individual é socialmente desenvolvida, o que significa dizer que o que está na mente de um indivíduo e as aquisições comportamentais (habilidades, etc.) que ele possui, antes necessariamente esteve posto nas relações prático-verbais com os demais. Os conhecimentos concretos (objetivado em instrumentos, que condensam um dado conhecimento) e simbólicos (objetivados em signos, nas diversas formas de linguagem) são resultantes das relações sociais de produção, do modo como se articula o trabalho em um dado período histórico e uma dada sociedade e não somente de relações discursivas como postulam os construcionistas.

Considerações Finais

Constatamos com esta pesquisa que os construcionistas deslocam a categoria trabalho da obra de Vigotski tomando outras no seu lugar, tais como linguagem, cultura, interação, internalização e mediação, assim como as teorias pedagógicas inspiradas no construtivismo tem feito, conforme destaca Duarte (2001). Em um nível mais geral, esta pesquisa corrobora com uma tendência já a muito tempo constatada por autores como Duarte (2001) e Tuleski (2008), que é o deslocamento da fundamentação marxista das obras de Vigotski e de outros autores da Psicologia Histórico-Cultural. Conforme Duarte (2001), as obras de Vigotski sofreram um processo de “desideologização” pela maioria dos intelectuais ocidentais, a começar pelas leituras feitas por norte-americanos. Ainda conforme o autor, tentou-se retirar da obra de Vigotski qualquer embate entre as concepções socialista e liberal.

No entanto, diferentemente daqueles que procuraram uma possível complementaridade entre Piaget e Vigotski, que “respeitaria” as especificidades de cada teoria (DUARTE, 2001), o construcionismo analisado nesse trabalho fez uso de Vigotski para legitimar uma visão que já estava dada previamente. Shotter (2001), por exemplo, buscou em Vigotski mais uma dentre muitas “verdades” para validar sua visão de que nós construímos o nosso conhecimento e a nós mesmos de forma comunitária. Contudo, como tivemos oportunidade de mencionar, e que é um dos pontos centrais de divergência entre os dois autores, coloca as construções simplesmente no plano linguístico-discursivo, fato que essencializa a ideologia e escamoteia a base material das relações estabelecidas socialmente.

Por fim, as incoerências apresentadas na apropriação dos conceitos vigotskianos representam um problema de fundo dessa visão de mundo. A chave desse problema seria a concepção idealizada de linguagem, isto é, que vê a linguagem como sendo independente da reprodução material da sociedade. Além disso, grande parte dos construcionistas, de forma deliberada ou não, confundem a forma de obtenção do conhecimento com o objeto a ser conhecido. Para o materialismo dialético, base metodológica da psicologia vigostkiana, o conhecimento científico é uma construção mediada pela linguagem, pelas práticas sociais e pelos fenômenos naturais e sociais, não se construindo apenas linguisticamente, mas por meio da forma de reprodução material da sociedade, isto é, pelo trabalho, desenvolvido ao longo de complexos processos históricos e sociais. Conclui-se, portanto, que a concepção construcionista está em desacordo com as proposições de Vigotski, tendo em vista o seu referencial

teórico e este não pode ser incorporado ao referido movimento a não ser se descolado de seus sistema conceitual e sua base filosófico-metodológica.

Referências

- CARMO, F. M. & JIMENEZ, S. V. Em busca das bases ontológicas da psicologia de Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 4, p. 621-631, out./dez, 2013.
- CASTAÑON, G. A. *Psicología Pós-Moderna?: Uma crítica epistemológica do construcionismo social*. Rio de Janeiro: Booklink, 2007.
- DUARTE, N. *Vigotski e o "aprender a aprender": críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- GERGEN, K. *Realidades y Relaciones: Aproximaciones a la construcción social*. Barcelona: Paidós, 1995.
- GERGEN, K. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Interthesis*, vol. 06, no. 1, 299-325, 2009. (Original publicado em 1985)
- GERGEN, K. *The social construction of the person*. Ohio: Taos Institute, 2012.
- GERGEN, K. J. & GERGEN, M. *Construcionismo Social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.
- GRANDESSO, M. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- GUANAES, C. *A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social*. São Paulo: Vetor, 2006.
- HARRÉ, R. Personalism in the Context of a Social Constructionist Psychology: Stern and Vygotsky. *Theory and Psychology*, Vol. 10(6), 731-748, 2000.
- IBÁÑEZ, T. *Municiones para disidentes. Realidad-Verdad-Política*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- LOCK, A. & STRONG, T. *Social constructionism: sources and stirrings in theory and practice*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- LÓPEZ, E. E. J. Mirada Caleidoscópica al construcionismo social. *Política y Sociedad*, 2003. Vol. 40 (1), 2003.
- LÓPEZ-SILVA, P. Realidades, Construcciones y Dilemas: Una revisión filosófica al construcionismo social. *Cinta moebio [online]*. 2013, n.46, 9-25, 2013.
- PRESTES, Z. *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vygotski no Brasil: Repercussões no campo educacional*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2010.
- SHOTTER, J. Harré, Vygotsky, Bakhtin, Vico, Wittgenstein: conversational realities and academic discourses. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 23, 459-482, 1993.
- SHOTTER, J. Talk of saying, showing, gesturing, and feeling in Wittgenstein and Vygotsky. *The Communication Review Volume 1*, Issue 4, 1996.
- SHOTTER, J. *Realidades Conversacionales: La construcción de la vida a través del lenguaje*. Madrid: Amorrortu Editores, 2001. (Original publicado em 1993).
- TULESKI, S. C. *Vygotski: A construção de uma psicologia marxista* (2ª ed.). Maringá: Eduem, 2008.
- VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Tomo IV. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1996.
- VYGOTSKI, L. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKI, L. S. & LURIA, A. R. *El instrumento y el signo en el desarrollo del niño*. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2007.

Recebido em: 08/06/2016

Aceito em: 11/09/2016.

Notas:

¹ Psicólogo (UNESP/Assis), Mestre em Psicologia (UEM) e Doutorando em Psicologia (UNESP/Assis). E-mail: eduardomcbr@yahoo.com.br.

² Doutora em Educação; Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: silvanatuleski@gmail.com